

RIFF



Caigan Las Rosas Blancas!
Agnete Brun/Divulgação



Dreams (Sex Love)

tinho do benquerer. Sua codiretora, a atriz e cineasta Maryam Moghadam, é conhecida aqui por “O Perdão” (2021).

HOMEM COM H, de Esmir Filho: Com cerca de 640 mil ingressos vendidos, a cinebiografia do cantor Ney Matogrosso, hoje na Netflix, promove uma requintada autópsia em corpo vivo do companheirismo. Todas as músicas que fizeram do bardo um ícone de transgressão estão em cena, associadas a uma mesmerizante performance de corpo (e alma) do ator Jesuíta Barbosa. A fotografia de Azul Serra faz subir a temperatura e a pressão de cada quadro.

DREAMS (SEX LOVE), de Dag Johan Haugerud: Ganhador do Urso de Ouro da Berlinale deste ano, este drama sobre a experiência primeiro amor, vindo lá da Noruega, compõe uma trilogia com “Sex” e “Love”, ambos de 2024. Seu enredo faz uma ode à literatura ao narrar angústias da aspirante a Clarice Lipector chamada Johanne



Manas
Globo Filmes/Divulgação



Kasa Branca
Divulgação



Anora

(Ella Øverbye) no registro (em prosa) de suas fantasias sentimentais por uma mulher mais velha, que jamais a enxerga com desejo.

MANAS, de Marianna Brenand: Longa ganhador do Director’s Award da Giornate degli Autori do Festival de Veneza e do Prêmio da Première Brasil, dado à sua atriz principal, Jamilli Correa. Sua trama testemunha o processo de maturidade a fórceps de Marcielle/Tielle (Jamilli), de 13 anos, num ambiente assombrado pela brutalidade contra as mulheres, nas águas da Ilha do Marajó (PA). Dira Paes é um dos destaques do elenco.

CAIAM AS ROSAS BRANCAS! (“Caigan Las Rosas Blancas!”), de Albertina Carri: O novo longa da diretora de “As Filhas do Fogo” (2018) tem o Brasil entre seus produtores. Na trama, Violeta (Carolina Alamino) fez um sucesso estrondoso com seu filme pornô lésbico amador, mas muito inventivo. Como

Divulgação



Ernest Cole, Achados e Perdidos
Fred Jordão/Divulgação



Serra das Almas

resultado, ela foi contratada para escrever e dirigir uma versão um tanto mais convencional de seu cult. Suas opiniões sobre gênero e sobre cinema não se encaixam muito bem no ambiente mais profissional da produção audiovisual. Na vivência da inadequação, ela decide filmar com liberdade plena, numa viagem de carro, do sul de Buenos Aires a São Paulo.

ANORA, de Sean Baker: Atestado audiovisual da saúde criativa do cinema independente americano, o ganhador da Palma de Ouro de 2024 fez a festa na cerimônia do Oscar ao ganhar as estatuetas de Melhor Filme, Direção, Roteiro Original, Montagem e Atriz, dado a Mikey Madison. Em sua cartografia da vida noturna do Brooklyn, Baker acompanha as doideiras que se passam com a stripper Ani (Mikey) depois que ela se envolve com o filho muito louco de um oligarca russo, o moleque Ivan (Mark Eydelshiteyn), que conhece no clube onde faz strip-tease. Um momento de conto de fadas se desenha

para a moça quando Ivan propõe que eles se casem em Las Vegas. Quando a notícia desse matrimônio chega à Rússia, despertando a fúria da mãe de Ivan, sua ilusão de uma vida de luxo e riqueza é ameaçada.

KASA BRANCA, de Luciano Vidigal: A vertente histórica do naturalismo, que vem lá da prosa literária, com “O Cortiço”, é usada nesta crônica de alianças numa perspectiva solidária (e não catastrofista), a fim de ilustrar a vida de três jovens amigos num cotidiano de reeducação afetiva: Dé (Big Jaum), Adrianim (Diego Francisco) e Martins (Ramon Francisco, hilário). O trio vive os perrengues de uma cidade que isolou bairros e municípios distantes do mar, padecendo de um serviço de saúde deficitário na rede hospitalar pública. Apesar das várias dificuldades, a galera não esmorece. Retinas se encantam pela fotografia de Arthur Sherman, premiada no mesmo Festival do Rio em que Vidigal ganhou a láurea de Melhor Direção.

ERNEST COLE: ACHADOS E FERDIDOS (“Ernest Cole: Lost and Found”), de Raoul Peck: Sete anos depois da indicação ao Oscar por “Eu Não Sou Seu Negro”, em 2017, o cineasta haitiano que virou um signo vivo da luta antirracista ganhou o troféu L’Oeil d’Or, a Palma da Não Ficção de Cannes, por esta investigação sobre fotografia. Discretos, mas implacáveis no registro do racismo, os cliques feitos pelo sul-africano Ernest Levi Tsoaloane Cole (1940-1990) hoje são encarados como um documento das feridas geopolíticas deixadas pelo Apartheid. Sua obra foi maculada pelo desrespeito e caiu numa invisibilidade que hoje cega ao fim graças ao cinema

SERRA DAS ALMAS, de Lúcio Ferreira: O melhor filme do realizador de “Árido Movie” (2005) nos últimos 20 anos tem um quê do “Onde Os Fracos Não Têm Vez” que encheu os Irmãos Coen de Oscars em 2008. Como no cult americano dos manos Joel e Ethan, há uma fortuna roubada (no caso, em joias); há gente disposta a matar para ficar rica; e há um bicho solto tão perigoso quanto o Anton Chigurh de Javier Bardem: Gislano (Ravel Andrade). É ele quem junta um bando de amigos desajustados para roubar pedras preciosas, num golpe que descamba para uma comédia de erros com direito a uma vaca errante. Existe um político corrupto até o osso (papel que Bruno Garcia devora com uma fome de anteontem e com um brilho de “para sempre”) que é atingido nesse rolê criminoso.